

De espectadores a protagonistas: pornotopia *Playboy* e as novas formas de produção e consumo de prazer

Lara Facioli¹

Resenha do Livro:

PRECIADO, Beatriz. *Pornotopia: Arquitectura y sexualidad en Playboy durante La guerra fría*. Barcelona, Anagrama, 2010.

“Habla desde tu ano”

“El Cambio que tiene lugar en mí es la mutación de una época”

As frases acima foram retiradas de dois textos com títulos também ousados. O primeiro deles é *Terror Anal: apuntes sobre los primeros días de la revolución sexual*, epílogo escrito por Beatriz Preciado ao livro *El Deseo Homosexual* de Guy Hocquenghem,² obra que, segundo a autora, é pioneira da Teoria *Queer*, uma vez que foi a primeira a confrontar a linguagem heterossexual hegemônica. O segundo é *Testo Yonqui*,³ escrito onde relata o processo de intoxicação voluntária com o consumo diário de 50mg de testosterona, inserindo sua autoetnografia no contexto do que chama de Era Farmacopornográfica.

¹ Mestranda em Sociologia na UFSCar.

² O livro foi reeditado e publicado tardiamente em língua espanhola, no ano de 2009. No entanto, sua primeira edição data de 1972, contexto de intenso movimento homossexual e de acirradas discussões em torno da retirada da homossexualidade da lista de doenças psiquiátricas.

³ “Yonqui” em espanhol significa “drogado”.

Preciado elabora uma Ciência do ânus – *Habla desde tu ano* – propositora de uma ruptura com a chamada “distância científica” que marcou a tradição europeia e colonial do fazer científico, capaz de produzir as figuras políticas dos degenerados, dos anormais e dos outros inferiorizados. A impetuosa sugestão de falar desde o próprio ânus aponta para a necessidade de o pesquisador social situar seu local de fala elaborando um saber articulado na primeira pessoa, não no sentido de dar um autotestemunho, mas de produzir uma síntese reflexiva que explique os fluxos de poder que constituem o próprio sujeito que fala.

A filósofa se vincula às pensadoras e pensadores da Teoria *Queer*, a qual considera uma teoria pós-feminista, uma vez que representa, segundo ela, a maturidade do feminismo, por trazer a cena política os debates transversais da diferença e o cruzamento das opressões. Como integrante da corrente de pensamento dos Estudos Pós-Coloniais, desafiadora dos discursos hegemônicos de produção de saber e conhecimento, seu intento é pensar a teoria crítica como uma prática intervencionista e contestadora. De acordo com os autores filiados a estes estudos, não se trata de dar voz ao sujeito subalterno e sim criar condições de enunciação por meio das quais ele possa produzir um saber sobre si mesmo, a partir de sua própria posição de alteridade. É a partir da vinculação de Beatriz Preciado com estes estudos e movimentos, bem como de suas experiências pessoais com o consumo de testosterona e de participação em grupos sadomasoquistas, que podemos observar sua produção teórica. Produção esta que, de acordo com a autora, não está desvinculada do ativismo político o qual encontra seu ponto de ação máxima no nível mais elementar de sua vida: seu corpo.

A corrente a qual se filia Beatriz Preciado, dentro da Teoria *Queer*, diz respeito à vertente radical. Faço uso do termo “radical” não para ajudar na demarcação e enquadramento de suas obras, pois a própria teórica não suporta definições na medida em que se propõe a todo tipo de experimentação – poderíamos dizer que caberia hoje afirmar: minhas moléculas são políticas. Se tornar um intelectual orgânico ou um homeopata político implica utilizar a própria subjetividade como terreno de experimentação (Preciado, 2008: 68). O que busco é apontar para o foco da autora nos espaços de criação de prazer, subversão das normas e invenção de estratégias de sobrevivência. Preciado se distancia das formulações ortodoxas da Teoria *Queer*, faz uma sagaz crítica aos escritos iniciais de Judith Butler e à teoria de Michel Foucault, pois não entende os regimes disciplinares como mecanismos fechados de reprodução social.

A autora se volta às falhas das tecnologias e performatividades de gênero, que produzem descontinuidade, interstícios ou dobras de subjetivação e

incorporação desviante. Sua teoria de gênero aponta para uma “incorporação prostética”, onde o dildo ganha espaço de destaque – curioso notar que, o programa de texto Word for Windows, não aceita a palavra Dildo e insiste em substituí-la por dedo ou por diodo, componente usado como retificador de corrente elétrica. Em *Manifesto Contrasexual*, obra publicada em 2002, a autora lança a ousada ideia de colocar fim à crença nos órgãos sexuais tal como os reconhecemos, como foco de prazer e desejo em detrimento da totalidade do corpo. Para ela, o dildo não imita o pênis, mas o supera em sua excelência sexual. Ao contrário da teoria feminista tradicional que o coloca enquanto redenção do sexo masculino, gerador de opressão, nas práticas sadomasoquistas, das quais Preciado participava, o dildo aparece como objeto (ou prótese) que desvincula o prazer sexual dos genitais. A proposta de romper com as formas de prazer restritas aos genitais fica ainda mais evidente quando afirma que “o ânus é o centro erógeno universal situado além dos limites anatômicos impostos pela diferença sexual” (Preciado, 2002: 65).

Tendo em mente essas outras formas de prazer sexual, bem como espaços outros de produção de prazer, é que Preciado propõe, em sua mais recente e premiada obra *Pornotopía, Arquitectura y Sexualidad en Playboy durante la guerra fría*, uma análise da *Playboy*, a primeira pornotopia da era de comunicação de massas. Assim todas as noites de insônia pudessem dar frutos tão fascinantes como este. Digo isso, pois o texto se inicia com Preciado contando sua tentativa frustrada de dormir, quando viu na TV Hugh Hefner, diretor da *Playboy*, falando da importância da arquitetura no império que havia construído em 1953. *Pornotopía* será um dos resultados dos estudos de Preciado em Princeton, onde cursou Teoria da Arquitetura, por indicação de Jacques Derrida.

Ao contrário do que pensava a própria teórica e diferente do discurso divulgado em torno da *Playboy*, enquanto revista com conteúdo erótico repleta de garotas desnudas portando orelhas de coelho, a Disneylândia para adultos tratava-se de uma oficina de produção arquitetônica multimídia, difusora de um modelo de utopia sexual, pós-doméstica e urbana. O aparato *Playboy* se consolidou, através da disseminação midiática, desde as revistas das bancas de jornal, até as mansões espalhadas pelo mundo e os programas de TV que mostravam a vida no interior delas.

A criação da *Playboy* só pode ser compreendida no contexto de passagem para o que a filósofa chama de Era Farmacopornográfica, momento caracterizado pela crise do petróleo, da indústria automobilística e do modo de produção fordista, bem como pela busca de novos setores produtivos:

indústrias bioquímicas, eletrônicas e da área de informática e comunicação de massa. É característico da Era Farmacopornográfica o surgimento de dispositivos microprotéticos de controle da subjetividade e de novas plataformas técnicas biomoleculares e midiáticas. A nova economia-mundo não funciona sem a produção de toneladas de esteroides sintéticos, sem a difusão global de imagens pornográficas e sem a elaboração de novas variedades psicotrópicas sintéticas legais e ilegais (Preciado, 2008:32). É paradigmática desse momento a invenção da pílula contraceptiva, o que tornou o estrógeno, de acordo com Preciado, a molécula farmacêutica mais utilizada de toda a história da humanidade. Também se inserem nesta nova era os investimentos na investigação da sexualidade, como, estudos médicos voltados para descobrir a causa biológica da homossexualidade, definir a melhor idade para intervir cirurgicamente em crianças *intersex*; a popularização das cirurgias plásticas; a invenção dos barbitúricos e antidepressivos; e, por fim, a criação da *Playboy*.

A pornotopia *Playboy*, por meio de Preciado, desnuda-se em nossa frente da mesma forma que a *playmate* do mês, escolhida cuidadosamente por Hefner desveste-se perante o leitor: aos poucos, de maneira sutil e detalhada. O livro se divide em dez capítulos que despem totalmente o Império *Playboy*, desde as questões que envolveram a publicação da primeira revista, com a foto de Marilyn Monroe na capa, até o detalhamento da arquitetura do espaço do solteiro, proposto pelo periódico e efetivado na Mansão *Playboy*.

O pornográfico, em *Playboy*, não era a utilização de fotografias obscenas, mas o modo como fazia irromper na esfera pública aquilo que até então era parte do privado. Ao contrário de outras revistas da época, que colocavam em cena o homem do espaço público e exterior, caçador aos finais de semana, *Playboy* tem como foco o homem doméstico que trabalha, consome, festeja e faz sexo dentro de sua própria casa. A partir dessa constatação, logo nos primeiros capítulos, Preciado nos abre as portas (e folheia as páginas) da *Playboy*, com tamanho rigor analítico, que nos permite adentrar completamente neste espaço de produção de masculinidade. *Playboy* está nua.

A autora mostra como Hefner e sua tradicional imagem, portanto pijama de seda e rodeado de coelhinhas, aponta para a criação de um novo espaço interior doméstico, masculino, não regido pelas leis do casamento heterossexual. A Pornotopia *Playboy*, fruto de um processo de politização e mercantilização da vida privada, levado a cabo durante o período pós-Segunda Guerra Mundial, seria responsável pela revolução masculina dos anos cinquenta. As revistas publicadas entre 1953 e 1963 fariam um esforço

para construir uma nova identidade masculina, do jovem solteiro (ou melhor, divorciado), urbanita e caseiro. O solteiro urbanita, que tem como maior representante a figura artificial, impenetrável, sedutora e camaleônica de James Bond, viveria o espaço doméstico, não como fuga do mundo exterior, mas como uma verdadeira estação de vigilância e gestão de informação, onde o prazer não seria senão efeito colateral do tráfico contínuo de informações e imagens.

A subjetividade “cervo”, adulta, rude e selvagem – primeira imagem evocada por Hefner na escolha da mascote representante da revista – se desloca em benefício de uma identidade coelho, adolescente, rápida e doméstica. O nome da revista, antes de seu lançamento, passa de *Stag Party Magazine* para *Playboy*. Esse modelo de masculinidade *playboy*, que se reapropria do espaço doméstico e do próprio processo de decoração do interior da casa, se afasta, como mostra Preciado, de qualquer desconfiança de homossexualidade, por ter como centro de lazer a apreciação das imagens de mulheres nuas e de películas pornográficas. A reivindicação da esfera doméstica nada tem a ver com a feminização do *playboy*, este, continua em sua posição de macho dominante, dono de sua sexualidade.

A personalidade do coelho *Playboy* não podia funcionar sem o protótipo feminino complementar, uma coelha que não representasse uma ameaça para sua autonomia sexual e doméstica, que escapasse dos padrões vigentes de feminilidade – a mãe, a esposa e a dona de casa – e que gostasse de sexo sem compromisso. A disposição dos móveis e a própria arquitetura do espaço do solteiro, que será também a da Mansão *Playboy*, facilita o “sexo instantâneo” sem interferência das mulheres das noites anteriores. O telefone no silenciador, a cozinha equipada com máquinas que realizavam todo o trabalho, sem necessitar da presença de uma cozinheira, o lavabo no qual havia chuveiro, bidê e telefone privado, garantiam a manutenção da intimidade do *playboy* a qual “la chica” não teria acesso.

O espaço do solteiro, proposto nas páginas da revista *Playboy*, e efetivado no interior da primeira Mansão construída em 1959, apresenta uma confusão entre os ambientes de trabalho, lazer e sexo. O trabalhador *Playboy* nada tem a ver com o arrimo de família da casa suburbana, que se desloca da periferia para o centro no cotidiano do trabalho. Preciado mostra como a *Playboy* antecipa os discursos sobre o trabalhador flexível e sobre o trabalho imaterial, na medida em que evidencia a possibilidade de exercer seu ofício no conforto do interior doméstico, seja no sofá, na cama ou mesmo no chão. Em fotos lançadas em *Pornotopía*, observamos Hefner trabalhando sobre o tapete da Mansão ou

em sua cama giratória. A flexibilidade do trabalho evocada por sua revista, não encontrou correspondente no corpo de Hefner, que declarou, nos anos oitenta, ter uma saúde de ferro, fora os intensos problemas de coluna devido aos anos passados sobre a cama, que foi usada, protéticamente, como prolongamento de seu corpo, de seus membros e sentidos.

Olhar para *Playboy*, da perspectiva de Preciado, é apreciar as mudanças de uma época. O que o império de Hefner coloca em marcha é o poder de comportar-se, ao mesmo tempo, como um contraespaço, desafiador dos modelos tradicionais de espacialização da casa heterossexual, como núcleo de consumo e produção da cultura americana dos anos cinquenta e sessenta e, como espacialização dos regimes de controle do corpo, próprio do momento farmacopornográfico. Para mostrar o funcionamento da *Playboy* enquanto espaço outro, produtor de brechas nas formas tradicionais de espacialização do poder, é que Preciado vai recorrer ao conceito de heterotopia de Michel Foucault. As heterotopias são contraespaços provisórios, onde as regras morais são suspensas e onde vigora outra temporalidade, como por exemplo, os bordéis, navios, museus, bibliotecas e cinemas. As heterotopias mais pujantes são aquelas capazes de dissipar a realidade com a única força da ilusão. A revista *Playboy*, no limite, como aponta a teórica *queer*, reelabora as utopias sexuais revolucionárias, desenhadas por Sade e Ledoux, o que faz dela uma Pornotopia.

O conceito de Foucault, ganha significado complementar nas mãos de Preciado e dá nome à sua obra. O que caracteriza a pornotopia é sua capacidade de estabelecer relações singulares entre espaço, sexualidade, prazer e tecnologia, alterando as convenções sexuais ou de gênero, produzindo a subjetividade sexual como derivada de suas operações espaciais. As pornotopias emergem em um contexto histórico específico ativando metáforas, lugares e relações econômicas preexistentes, singularizadas por tecnologias do corpo. Não à toa, *Playboy* surge em meio à Guerra Fria, momento de intensas transformações políticas, econômicas e sociais, o que compõe sua particularidade: ser um objeto de consumo dentro do crescente mercado liberal.

A habitação de Hefner e, especificamente, sua cama giratória, funcionam durante a Guerra Fria, como espaços de transição no qual se produz o novo sujeito protético e ultraconectado, bem como os novos prazeres virtuais e midiáticos da hipermodernidade farmacopornográfica. Esse sujeito pornotópico criado pela *Playboy*, e tão bem exposto por Preciado, tinha em mãos todos os instrumentos que o permitiam suportar a crise da heterossexualidade do século XX, bem como fazer frente as ameaças da liberação feminina, se proteger

das leis familiares, morais e antipornográficas e dos perigos nucleares próprios da guerra.

Durante todo o período que vai da segunda metade dos anos oitenta à primeira dos anos noventa, a pornotopia *Playboy* entra em um processo de ininterrupto declínio que leva à sua morte. Preciado vasculhou o defunto através de um procedimento analítico detalhado, chamado por ela própria de autópsia. Se a Pornotopia dos anos cinquenta morre, de acordo com a autora, a boa (ou má) notícia é que somos necrófilos. Preciado nos convida, no último capítulo de sua obra, atentar para os frutos do finado Império *Playboy*.

A circulação de imagens pornográficas através da internet tem criado, segundo ela, uma ecologia global na qual a *Playboy* não é mais que um velho predador. Qualquer pessoa, em qualquer lugar, pode ser competidora da *Playboy*, para isso basta ter certa disposição, um computador conectado e uma webcam. O jazz apreciado pelo playboy foi substituído pelo hip hop e o roupão de seda por uma camiseta de basquetebol. No entanto, os fatores do jogo são os mesmos: “um tío listo, muchas chicas (no sabemos si listas o tontas, pero preferiblemente lascivas y discretas) y mucho mucho consumo farmacopornográfico, coches, cadenas de oro e cocaína deben circulan desde MTV hasta las venas de internet” (Preciado, 2011: 207).

A pornotopia *Playboy* cumpriu seu papel de condicionar a proliferação de outras pornotopias multimídia que se afirmam como as formas presentes do comércio sexual. Se o Grande Irmão é uma referência indiscutível, os “bordéis virtuais”, como a *Big Sister* – onde os casais são filmados fazendo sexo e têm as imagens divulgadas na internet para consumo de quem quer que seja – são suas variantes pornotópicas. Filha dos *Freak Shows* americanos do século XIX e dos bordéis, como centros de tráfico de indivíduos e consumo sexual, *Playboy* deixou-nos seus herdeiros.

A indústria farmacopornográfica, da qual a *Playboy* é um dos primeiros representantes de peso, continua a ser responsável pela produção do visível que, segundo Preciado, ocupa uma posição disciplinante que supera amplamente aquela outorgada por Foucault à medicina, à instituição penitenciária e à fábrica do século XIX (Preciado, 2010: 64). Este novo regime de hipervisibilidade tem como foco o corpo e a prática sexual submetidos à filmagem e divulgação constante para consumo. Espaços virtuais e programas de computador como Cam4 e Cam Frog substituíram a finada pornotopia *Playboy* e seus usuários passaram de espectadores para protagonistas: em vez de consumirem corpos de modelos em poses eróticas, portadoras de orelhas de coelho, expõem seus próprios corpos para o consumo generalizado.

Referências

- HOCQUENGHEM, Guy. *El Deseo Homosexual*. Espanha, Melusina, 2009.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifiesto contra-sexual*. Madrid, Opera Prima, 2002.
- _____. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 19 (1): 312, janeiro-abril, 2011.
- _____. *Texto Yonqui*. Madri, Espasa, 2008.
- CARILLO, Jesus. *Entrevista com Beatriz Preciado*. In: Revista Poiésis, n 15, p. 47-71, jul. 2010.

Endereços virtuais

- <<http://bocadomangue.wordpress.com/2011/02/18/um-bem-precioso-entrevista-com-beatriz-preciado/>>
- <<http://www.ufscar.br/cis/2010/06/conferencia-de-beatriz-preciado-em-murcia/>>

Como citar esta resenha:

- FACIOLI, Lara. De espectadores a protagonistas: Pornotopia *Playboy* e as novas formas de produção e consumo de prazer. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.2. pp. 213-220.